

## SE NÃO FOSSE A PRESENÇA DISTANTE DAS ESTRELAS: A POESIA COMO PRIMEIRO ACOLHIMENTO

### IF NOT FOR THE DISTANT PRESENCE OF THE STARS: POETRY AS THE FIRST RECEPTION

Joémerson de Oliveira Sales<sup>1</sup>  
João Victor Barbosa Gonçalves<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente relato assenta-se sob as primeiras leituras dos versos de Mário Quintana. Aqui se apresenta o contato entre poeta e leitor por meio das reminiscências, trazendo vez ou outra o amparo de estudiosos ligados à poesia para manter o diálogo com os textos selecionados. Para tanto, o relato assume o compromisso de trazer o movimento da leitura do poema como uma forma de refletir a própria vida, sustentando aí uma relação intrínseca com a experiência do pensamento, tomando a poesia como acolhimento.

**Palavras-chave:** Mário Quintana; leitor; poesia.

**ABSTRACT:** The present report is based on the first readings about Mário Quintana's verses. The contact between poet and reader is presented here through reminiscences, bringing occasionally the support of studios linked to poetry, keeping the dialogue with the selected texts. Therefore, the report assumes a commitment to bring the movement of reading the poem as a way of reflecting life itself, sustaining there an intrinsic relationship with the experience of thought, taking poetry as a reception.

**Keywords:** Mário Quintana; reader; poetry.

### Introdução

Se as coisas são inatingíveis... ora!  
Não é motivo para não querê-las...  
Que tristes os caminhos, se não fora  
A presença distante das estrelas<sup>3</sup>!  
Mário Quintana

Marisa Lajolo disse que “tudo que lemos nos marca” (LAJOLO, 2001, p. 45). Nessa medida o texto literário tem grande força ao nos despertar tanto para o mundo exterior quanto para o interior. A marca é o saldo que tiramos das experiências já vividas e ressignificadas pela voz do outro (narrador, eu-lírico) ou de situações não vivenciadas que nos atravessam,

<sup>1</sup> Licenciado em Letras pela UFMT/CUR e mestre em Estudos de Linguagem com ênfase em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), professor de Língua Portuguesa na escola estadual Professora Stela Maris Valeriano da Silva de Rondonópolis – SEDUC-MT. E-mail: jodaliteratura@gmail.com.

<sup>2</sup> Estudante do 3o ano do ensino médio na escola estadual Plena Pindorama. E-mail: jvbg14082016@gmail.com

<sup>3</sup> Poema (xii) *Das Utopias*, 2004, p. 42.

tirando-nos de nossa zona de conforto. A poesia se assenta nesta medida, a que nos faz refletir que a impossibilidade – ou seja, o saber que as coisas são inatingíveis – não nos rouba o encanto do brilho distante das estrelas, como disse o poeta Mário Quintana.

A propósito propomos aqui o retorno de nossas leituras (as primeiras) de Mário Quintana. O desejo adveio num domingo em que meu pai assistia a um programa de música sertaneja e a canção tocada redirecionou minha memória à poesia do autor supracitado. Logo, tomei dois exemplares seus: *Antologia poética* (2004) e *Nariz de vidro* (2003) para recuperar a experiência com o primeiro poeta lido na infância e que me marcara com sua poesia da lembrança, das canções ensolaradas e da pequena reflexão que é capaz de expandir o pensamento. Depois disso, junto com meu tutorado<sup>1</sup>, resolvemos falar sobre a importância desse contato. Para tanto, apresentamos aqui a sensação de acolhimento gerada pela leitura do poeta e da força que essa tem de provocar a reflexão de nossa existência.

### **Um clássico, um leitor e a poesia**

Em seu livro *Por que ler os clássicos*, Italo Calvino define quatorze acepções sobre sua natureza, dentre as quais destacamos (CALVINO, 2007, p. 09-13):

- Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: “Estou relendo...” e nunca “Estou lendo...”.
- Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los.
- Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.
- O “seu” clássico é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvez em contraste com ele.

As quatro definições do estudioso podem ser resumidas numa só: “clássico é todo livro que nos chama de volta”. Dessa forma, Mário Quintana representa para mim – professor – o primeiro contato com a poesia, quando ainda estava no ensino fundamental, e o verso “o vento vinha ventando<sup>2</sup>” me atravessou com sutileza soprando a curiosidade de conhecer o mistério concentrado naquelas palavras que conduziam à morte de uma menina e a sacralização dos objetos que constituíam ali o findar da existência.

<sup>1</sup> Tutorado é como chamamos os estudantes que nos escolhem para orientar em relação ao seu processo educativo na escola Plena. Durante meu exercício na escola Pindorama, o estudante João foi meu tutorado e juntos desenvolvemos a iniciação científica no grupo de pesquisa denominado como Poéticas da igualdade.

<sup>2</sup> Trecho do poema “Canção de Um dia de Vento” publicado na *Antologia Poética* selecionada por Waldir Ayala.

Nesse aspecto, voltar à leitura desses poemas endossa a não indiferença em relação ao clássico, como também aponta para a não conclusão de seu dizer. A poesia de Quintana nos encaminha para o inexplicável de sua condição, vejamos:

*Os poemas*

Os poemas são pássaros que chegam  
não se sabe de onde e pousam  
no livro que lê.  
Quando fecha o livro, eles alçam vôo  
como de um alçapão.  
Eles não tem pouso  
nem porto  
alimentam-se um instante em cada par de mãos  
e partem.  
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,  
no maravilhado espanto de saberes  
que o alimento deles já estava em ti...  
(QUINTANA, 2003, p. 18).

O poema, mesmo tendo sua camada verbal alicerçada, depende muito da experiência do leitor. Como primeira leitura, as palavras do poeta trouxeram-me o espanto da incerteza. O vazio de que fala o poema é sua própria condição. A compreensão inicial assenta-se na ideia de que o texto poético não está necessariamente contido em sua matéria verbal, mas no que era opaco para o leitor e passa a transparecer “varado pela luz da percepção amorosa ou perplexa, mas sempre atenta” (BOSI, 2000, p. 260) do poeta.

A propósito posso dizer que um clássico é aquele livro que ensina o leitor a ler-se também. Vejamos:

*Da Perfeição da Vida*

Por que prender a vida em conceitos e normas!  
O Belo e o Feio... o Bom e o Mau... Dor e Prazer...  
Tudo, afinal, são formas

E não degraus do Ser!  
(QUINTANA, 2004, p. 45).

Em “Da perfeição da vida”, o binarismo é decomposto por uma espécie de síntese que expressa a oposição à aparência, propondo em troca a imagem dos “degraus do Ser”. Assim as definições são colocadas à parte, abrindo espaço para uma reflexão permanente da existência.

O ser remete a ideia de uma construção, porém os atributos não constituem a sua exata definição, uma vez que estão em perene transição. As reticências caracterizam esse estágio de continuidade.

Neste caminho reflexivo, a poesia de Mário Quintana muito tem a dizer. Observemos:

*Os dois gatos*

(uma fábula traduzida de Florian)

Dois bichanos,  
Nascidos ambos sob o mesmo teto,  
Eram, como sucede às vezes entre manos,  
Diferentes de humor, como de aspecto.  
O mais velho dos dois, um branco, dava gosto  
Olhá-lo. Dir-se-ia um cônego em arminho,  
Tão rechonchudo era, e liso, e bem-disposto.  
Olhar todo carinho...  
E além do mais, dado à preguiça e à gula.

Quanto ao caçula...

Ora! Vede

Se tinha compostura aquilo... Um verdadeiro  
Gato pingado!  
Negro, desse negror de poço em noite escura,  
Sobre a espinha recurva ao feitio de uma rede,  
Não tinha mais a pele, o desgraçado.  
No entretanto passava a noite, o dia inteiro,  
A correr, do porão à água-furtada,  
Na tenaz procura  
De possível caça.  
Apesar disto...nada!  
Sempre chupado como um gato em passa...

Lá um dia, diz ele a seu irmão:

– “Eu sempre no serviço,

E tu, sempre no sono,

Ó sorte desigual!

Por que motivo então

Nos trata o nosso dono

A ti, tão bem, e a mim tão mal?

Não, francamente, eu não compreendo isso...”

– “Mas, é claro!

Só Deus sabe a existência que tu passas...

E todo esse trabalho cansativo e longo

Para afinal, de rato em rato,

Comer, tristonhamente, um triste camondongo!...”

– “Pois não é meu dever?”

– “Seja! Mas eu, meu caro,  
Eu estou sempre ao lado do patrão.  
Divirto-o com minhas graças,  
Esfrego o pêlo em suas calças  
E ronrono e me enrosco e me contorço...  
E assim, sem maior esforço,  
Vou ganhando um vidão regalado e tranqüilo,  
Carícias falsas  
E maneiras fúteis,  
Isso agrada o patrão... Mas tu, para teu mal,  
Só o que sabes é servi-lo!  
Olha, maninho, o essencial  
É fazermo-nos hábeis, e não úteis”  
(QUINTANA, 2003, p. 62-65).

O poema obedece a uma estrutura fabular já anunciada no subtítulo. A questão da desigualdade social é apresentada de forma lúdica sem perder, porém, de vista, a cena que se desenrola diante do leitor acerca dos tratos não igualitários entre dois animais de estimação.

Em *Os dois gatos*, o conflito estabelecido pela desigualdade social se incorpora nas diferenças de atividades desempenhadas pelos dois bichanos, que por sua vez refletem as relações que são marcadas pela desigualdade e pelo jogo de preferência.

O aspecto fabular é um artifício essencial para compreender a mensagem do poema, porque uma das características da fábula é a moral, que tem como principal objetivo levar o leitor a refletir sobre determinado tema contido no texto. O poema supracitado faz alusão à desigualdade social, e, conseqüentemente, ilustra por meio dos gatos a relação injusta enfrentada na sociedade por muitas pessoas.

### **O leitor, o professor e o poema**

O professor que é também um leitor entusiasmado estimula no aluno a reflexão e o questionamento sobre o que lê, ou seja, estimula no aluno o refinamento da sua própria perspectiva” (BERNARDO, 2013, p. 85).

As palavras do professor Gustavo Bernardo trazem à tona uma questão fundamental no âmbito da leitura escolar, a saber: o exemplo. Na minha época de aluno, mais exatamente no ensino médio, tive uma professora que me emprestava romances e insistia para que eu os lesse, pondo em prática o pensamento de Bernardo.

A atitude da minha professora do ensino médio se intensificou no ensino superior. No curso de letras, além da leitura, encontrei professoras que me estimularam para a escrita. Dessa forma, a minha perspectiva foi se moldando a partir do exercício da leitura e da escrita;

a partir da escuta do outro.

Neste sentido, quando recupero meu primeiro contato com a poesia, de imediato, vem à mente a poesia de Mário Quintana, pois foi com esse poeta que me senti acolhido e estimulado para escrever.

Os versos do poeta apresentavam-me uma liberdade de forma e de conteúdo. Os temas variados, escritos ora sob uma métrica sólida, ora de maneira livre; sem deixar de trazer encanto, reflexão e poesia.

Ao retornar à sala de aula, na posição de professor, a poesia de Quintana mais uma vez pareceu como um bom começo para se falar de literatura e incentivar aos estudantes à sua leitura. Para ilustrar uma ação realizada, apresento o “poeminha do contra”:

#### *Poeminha do Contra*

Todos esses que aí estão  
Atravancando o meu caminho,  
Eles passarão...  
Eu passarinho!  
(QUINTANA, 2004, p. 61).

No poema supracitado, a concisão aliada à brincadeira semântica entre “eles passarão/eu passarinho” gera o sentido prometido pelo título. Neste texto, é possível se pensar numa passagem da bíblia: a de Davi com o gigante Golias. O que se desdobra diante dessa comparação é que “o eu passarinho” é capaz de sobreviver às adversidades e sair vitorioso, voando livre.

Outra leitura feita do poema foi o das possibilidades de sentido que as palavras possuem. Sob esta perspectiva Bosi considera que “o poder de nomear significava para os antigos hebreus dar às coisas a sua verdadeira natureza, ou reconhecê-las. Esse poder é o fundamento da linguagem, e por extensão, o fundamento da poesia” (BOSI, 2000, p. 163).

Dado as palavras do teórico, “O único método de educação que presta, já escrevi isto um milhão de vezes, é o do exemplo. Só ensina ler quem lê muito e mostra que lê muito” (BERNARDO, 2013, p. 85), ou seja, quando falamos da busca de conhecimento, a importância da leitura é inestimável, visto que ela faz o leitor aprimorar o seu vocabulário, a capacidade de interpretação, além de proporcionar e estimular novas percepções sobre o mundo, contribuindo desse modo para a vida acadêmica.

#### **A poesia, o estudante e a sala de aula**

Trago nesse relato de experiência, como estudante e tutorado de Joe Sales, a importância do contato com a poesia e a literatura em nosso processo de formação leitora, bem como uma breve análise do poema *Da vez primeira*:

DA VEZ PRIMEIRA...

Da vez primeira em que me assassinaram,  
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha...  
Depois, de cada vez que me mataram,  
Foram levando qualquer coisa minha...

Hoje, dos meus cadáveres, eu sou  
O mais desnudo, o que não tem mais nada...  
Arde um toco de vela, amarelada...  
Como único bem que me ficou!

Vinde, corvos, chacais, ladrões de estrada!  
Ah! desta mão, avaramente adunca,  
Ninguém há de arrancar-me a luz sagrada!

Aves da Noite! Asas do Horror! Voejai!  
Que a luz, trêmula e triste como um ai,  
A luz de um morto não se apaga nunca!  
(QUINTANA, 2004, p. 10).

De acordo com Bernardo: “[...] construir uma interpretação pessoal de um texto nunca é uma tarefa automática” (2013, p. 100). Nesse sentido, o poema de Quintana evoca uma imagem que se estabelece num jogo de oposição centrado na “vida/morte”. Quanto mais perde o eu-lírico mais consciente se torna de sua condição que aparece marcada no signo da “luz”. Essa leitura, realmente, não é automática. Ter condições para dialogar com um texto, sobretudo literário, requer: “[...] respeito ao texto que se lê e aos contextos, quer do texto, quer do momento em que se lê” (2013, p. 100).

Deste modo, minha relação com a leitura do poeta é a de que sem o texto literário nossa relação com aquilo que se estabelece de maneira sutil se perde. A leitura literária corrobora com nossa criticidade e ao mesmo tempo – em primeiro plano – com a nossa sensibilidade. Em “Da vez primeira” a sensação de já ter lido o que Quintana traz acentua o que de fato é um clássico, em melhores palavras, ou, tomando de empréstimo as de Calvino, Mário Quintana nos dá a sensação de releitura.

Tal experiência de leitura nos ajuda a construir nosso repertório cultural, bem como ampliar nossas habilidades de interpretação. Ler literatura reafirma o que Bernardo disse

sobre a verdade da interpretação, ou seja, ela “se encontra no processo global de leitura, jamais nesse texto ou naquele leitor” (2013, p. 100), assim sendo, a leitura literária nos coloca diante deste processo global que se intensifica nas variadas críticas que são estabelecidas por leitores variados.

### **Considerações finais**

O mundo poético de Mário Quintana é um prato cheio de emoções e repleto de imagens que atravessam o cotidiano, a infância e a memória. De acordo com o poeta, a poesia era sua melhor maneira de conversar sozinho e em seus versos esse tom prosaico dá ênfase à sua lírica que nos move à reflexão da existência, e, ao mesmo tempo em que nos cativa com suas canções, provoca-nos com sua ironia penetrante.

Nesse sentido, este relato entrega minha experiência de leitura de Quintana num momento de primeiro encontro, e noutro de amadurecimento. Em ambas as situações o poeta sempre esteve no mesmo plano de atenção: a de clássico, pois me ofereceu a partir de seus versos a sensação de acolhimento.

Tal sensação provocada pela leitura literária se marca pela “sua capacidade de nos permitir ver pela perspectiva do outro” (BERNARDO, 2013, p. 85). A perspectiva de Mário Quintana acerca da vida se encontrou com a que eu tinha ainda no banco da escola e se ampliou no meu regresso, como leitor profissional. Haja vista que a necessidade de falar sobre nossas leituras é o maior exemplo, conforme defende Gustavo Bernardo, de cativar nossos alunos – novos leitores.

Seguindo essa orientação, falar sobre a poética de Mário Quintana é falar sobre o encontro do professor e seu estudante dialogando sobre as formas que não são maiores que os degraus da vida, e ainda acrescentar que ao reler o clássico (no sentido de releitura, de dizer permanente, de conexão com a própria trajetória de vida e de afeição) se depara com uma linguagem que não se detém numa leitura teórica, mas numa leitura de prazer, um prazer barthesiano.

### **Referências**

BARTHES, Roland. *Prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BERNARDO, Gustavo. *Conversas com um professor de literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

QUINTANA, Mário. *Antologia poética*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

\_\_\_\_\_. *Nariz de vidro*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.